

PRINCE

FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS THE BEAUTIFUL ONES

Editado por Dan Piepenbring



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2020

INTRODUÇÃO

3

PARTE I. THE BEAUTIFUL ONES

49

PARTE II. FOR YOU

121

**PARTE III.
CONTROVERSY
167**

**PARTE IV.
BABY I'M A STAR
205**

**NOTAS E
GUIA
DE FOTOS
251**

MINHA ÚLTIMA CONVERSA COM PRINCE

foi em 17 de abril de 2016, um domingo, quatro dias antes de sua morte. Naquela noite, eu já estava deitado quando o celular vibrou e indicou o código de área 952. Ele nunca havia ligado para aquele número, mas eu o reconheci na hora. Peguei papel e caneta e coloquei o carregador na tomada — a bateria estava quase no fim. Mas, como o cabo tinha só 30cm, era impossível ficar de pé. Naquela última conversa, passei o tempo todo encolhido em um canto do quarto, tomando notas em um bloco apoiado no chão.

“Oi, Dan”, disse ele. “Aqui é o Prince.” Muito já foi escrito sobre o jeito de falar de Prince — um timbre peculiar, cheio e sussurrante, grave e cristalino. Mais do que nunca, esse paradoxo vinha à tona naquela simples apresentação: “Oi, Dan. Aqui é o Prince.” Era sua saudação típica. “Só queria dizer que estou bem”, falou. “Apesar do que a imprensa anda espalhando. Os jornalistas exageram tudo, você sabe.”

Entendi o que ele quis dizer. No mês em que Prince anunciou que estava escrevendo suas memórias, com a colaboração de seu “irmão Dan”, cheguei a ver noticiado na imprensa que eu era seu irmão de sangue, mesmo sendo 28 anos mais novo e branco. Mas, naquele momento, as notícias tinham outro teor. Alguns dias antes, o avião de Prince fizera um pouso de emergência, pouco depois de decolar de Atlanta, local de sua última apresentação, uma data da turnê intimista batizada por ele de “Piano & A Microphone”. Na ocasião, Prince foi hospitalizado em Moline, no estado de Illinois, para tratar (como divulgado) um caso persistente de gripe.

Poucas horas depois de a notícia sair no site TMZ, Prince, já no complexo Paisley Park (na cidade de Chanhassen, Minnesota), tuitou citando a canção “Controversy” — uma música dele que abre com o verso: “I just can’t believe all the things people say” [É difícil de acreditar em tudo o que essa gente fala, em tradução livre]. Mensagem cifrada: ele estava bem. Até foi visto andando de bicicleta por alguns moradores de Chanhassen. Na noite anterior a nossa conversa, deu uma festa em seu estúdio particular e aproveitou para mostrar uma nova guitarra e um piano, ambos roxos. “Sempre esperem alguns dias, economizem as preces”, disse aos presentes.

“Fiquei preocupado, mas vi no Twitter que você estava bem”, falei. “Gripe é uma doença complicada.”

“Tive sintomas de gripe”, disse ele — refleti muito sobre esse comentário nos meses seguintes. “Minha voz ficou áspera.” Ainda estava assim, como se ele estivesse se recuperando de um resfriado intenso. Mas Prince não queria esticar demais o assunto. Havia ligado para tratar do livro.

“Tenho uma pergunta: você acredita em memória celular?” Era a ideia de que o corpo herda as memórias dos pais — uma experiência hereditária. “Pensei nisso lendo a Bíblia”, explicou. “Os pecados do pai. Isso seria possível sem memória celular?”

O conceito também se relacionava à sua vida. “Meu pai teve duas famílias. Fui seu segundo filho, e ele queria ser um pai melhor para mim do que tinha sido para meu irmão. Por isso, era muito metódico, mas minha mãe não gostava disso. Ela era mais espontânea, animada.”

Prince queria explicar sua origem a partir da síntese dos seus pais. O conflito que havia entre eles continuava dentro dele. Naquelas brigas, ele ouvia uma estranha harmonia que o inspirava a criar. Ele falava sobre sua mãe e seu pai com grande fascínio e lucidez, destacando que ele era a personificação daqueles momentos de união e desunião do casal.

“Um dos maiores dilemas da minha vida é lidar com isso”, disse ele; sentado no chão, eu tomava nota de tudo. “Gosto de ordem, finalidade e verdade. Mas, em um jantar chique, ou outro evento desse tipo, quando o DJ toca um som cheio de funk...”

“Você tem que dançar”, falei.

“Isso. Presta atenção nesse som.” Prince colocou o telefone perto de um monitor de estúdio e tocou um trecho que soava vigoroso, imponente e bruto, como as músicas que rolavam nas festas privadas de décadas atrás. “Cheio de funk, certo? É do novo disco da Judith Hill. Estou ouvindo pela primeira vez agora.”

Ele fez uma pausa. “Temos que encontrar a palavra”, disse ele. “Para definir o funk.”

A BUSCA PELA PALAVRA

não saía da cabeça de Prince na época. Os shows da turnê Piano & A Microphone eram pontuados por reflexões sobre os fundamentos do funk. “O espaço entre as notas — essa é a parte boa”, dizia ele. “Um intervalo longo ou curto, é aí que mora o funk. Ou não.” Desenvolver essas ideias foi um dos motivos que o instigaram a escrever um livro.

Prince já havia publicado vários livros de fotos e flertado com a escrita em diversos pontos da carreira, mas a gênese desse projeto se deu no final de 2014, quando sua empresária e advogada Phaedra Ellis-Lamkin estava à procura de um agente literário para ele. Prince escolheu Esther Newberg, da agência ICM Partners. Ela representava seu amigo Harry Belafonte e tinha uma sensibilidade da velha guarda bem interessante para ele, que via nela uma matriarca em uma indústria patriarcal. No início de 2015, Prince aprovou um projeto de livro com suas letras, com introdução e anotações dele. Newberg e seu colega Dan Kirschen apresentaram a proposta para editores muito receptivos, mas a equipe de Prince não fechou nenhum contrato; na maior parte de 2015, seu foco foi a música.

Na segunda quinzena de novembro, Prince voltou ao livro, cheio de entusiasmo. “Ele quer acelerar o projeto”, escreveu Ellis-Lamkins a Newberg. Colaborando com Trevor Guy, um assessor de negócios, Prince, Esther e Dan ampliaram o escopo nebuloso do livro. E se, além de letras anotadas, a obra trouxesse rascunhos, fotos e outros materiais inéditos? A palavra *memórias* ainda não estava em jogo, mas Prince queria tocar o projeto o quanto antes. Trevor sugeriu convidar um grupo de editores ao Paisley Park.

O livro coincidiu com uma virada na produção musical de Prince. Depois de três anos viajando pelo mundo com sua fantástica banda 3RDEYEGIRL, ele havia optado por sair sozinho em turnê, acompanhado apenas por um piano. Intimista e versátil, o repertório retratava sua carreira sem as restrições e a pirotecnia dos shows de arena. A um grupo de jornalistas europeus de passagem por Paisley Park, Prince disse que gostava da sensação de subir ao palco sem nenhum artifício, reduzindo suas canções aos componentes essenciais para recriar as obras ao vivo. Ele estava ensaiando noite adentro, tocando sozinho por horas a fio, com o som do piano preenchendo a imensa escuridão do estúdio até encontrar algo que descrevia como “transcendência”. Era isso que ele queria compartilhar.

Prince tinha shows marcados na Europa quando os terroristas atacaram o Bataclan, uma casa de espetáculos de Paris onde ele já tocara três vezes. Diante da violência e dos altos preços praticados pelos revendedores de ingressos, resolveu cancelar a turnê. Por que não fazer os shows no Paisley Park? Jogando em casa, ele montaria a produção a um valor mais adequado.

À medida que a visão de Prince para a turnê Piano & A Microphone ficava mais clara, o livro também começava a se definir. Segundo um amigo, várias pessoas queridas e admiradas por ele estavam com problemas de saúde, o que lembrara Prince da sua mortalidade. Mais do que nunca, ele percebia a importância de contar sua história. Em 11 de janeiro de 2016, poucas semanas antes do primeiro show solo, ele convidou três editores para uma reunião no Paisley Park a fim de explicar seus projetos e optar por uma editora. Um encontro com vários editores concorrentes era um evento incomum. Além disso, havia muitos boatos: Prince não se irritava com as perguntas sobre seu passado? Como ele trataria quem falasse palavrão? Expulsaria ou cobraria uma multa para a caixinha? Era verdade que ninguém podia olhá-lo nos olhos?

Logo que Prince chegou, toda a apreensão desapareceu. Ele foi envolvente, focado e até fez comentários pessoais (“Gosto de divagar às vezes”, disse). Por duas horas, ele conduziu um debate descontraído sobre seu passado, sua filosofia musical e seus objetivos para o livro. Ele foi direto: queria escrever suas memórias — uma decisão tão recente que até Trevor, que participava da reunião, ficou surpreso. O título seria *The Beautiful Ones*, uma das músicas mais fortes e tocantes de sua carreira.

O foco da narrativa ficaria sobre sua mãe, que fora “a primeira pessoa em que ele reparou” e que nunca recebera o devido crédito pelo papel em seu sucesso. Prince mostrou vários objetos aos editores. Ele havia pedido que Tyka, sua irmã, mandasse fotos antigas da família, com muitas imagens dos seus pais, e uma árvore genealógica. Prince também apresentou o material original criado para a capa do disco 1999, uma colagem em mosaico representando uma cabine telefônica, uma paisagem urbana futurista e uma mulher nua com uma cabeça de cavalo. Além disso, os presentes viram a primeira versão do roteiro de *Dreams*, que deu origem ao filme *Purple Rain*.

Um dos editores perguntou o que ele pensava sobre o processo de composição. Para Prince, era uma questão de projeção. No material, o autor traça seus novos caminhos. Desde o início, ele escrevia músicas para imaginar — e reimaginar — novas versões de si mesmo. O artista estava em uma evolução constante e mantinha um tipo de simbiose com as pessoas e coisas ao seu redor durante o processo de composição. Sua persona fora criada quase como uma profecia: Prince tinha o poder de se tornar a pessoa que imaginava. Sua vida inteira foi um ato de imaginar, criar e ser. Hoje, construir uma persona é um item irrelevante para o estrelato; para Prince, esse fator era indissociável da sua identidade como artista.

Bem cedo, ele reconhecera o mistério inerente a esse processo e o poder de preservar ou mesmo de obscurecer esse mistério.

“Mistério é uma palavra por um motivo”, falou. “Ele tem um propósito.” Para Prince, o livro certo adicionaria novas camadas a seu mistério, mesmo se eliminasse algumas. A obra seria uma autobiografia, mas teria uma forma *sui generis*, tão abrangente e versátil quanto o autor. Como nunca fugia de grandes promessas, Prince sugeriu apenas uma orientação formal: aquele devia ser o maior livro de música de todos os tempos.

A reunião não teve uma conclusão oficial. Em dado momento, depois de contar uma piada, Prince se levantou e foi embora, rindo alto. Ele voltou à sala após dez minutos, sem dizer nada sobre sua ausência. Pouco depois, anunciou que estava na hora do jantar e desapareceu novamente. Os editores ficaram animados — um jantar com Prince! — até perceberem que não haviam sido convidados e que ele não voltaria.

POUCO DEPOIS DESSA REUNIÃO,

Prince fez o primeiro show da turnê Piano & A Microphone no complexo Paisley Park, apresentando as ideias que explicara meses antes. A performance incorporava narrativa e reflexão em um repertório que incluía desde canções do seu primeiro álbum (*For You*) até o mais recente (*HITnRUN Phase Two*). Suas intervenções faladas sugeriam o que se passava em sua cabeça na época. Ele estava processando seu passado. Só quando vi a gravação, mais de um ano depois, percebi a ligação do show com as ideias dele para *The Beautiful Ones*.

Naquela noite, assim que se sentou ao piano, Prince iniciou uma regressão, seguindo o fluxo da sua consciência. Ele voltou a ser criança, compartilhando suas primeiras lembranças musicais. “Quería saber tocar piano”, disse à plateia, em tom infantil. “Mas não sei. Tudo parece diferente. Três anos — o piano é grande demais para mim. Hmm. Talvez seja melhor assistir à TV.” Ele então pulou sobre o piano e simulou que estava comendo pipoca em frente à televisão.

“Papai está vindo. Não posso tocar no piano, mas quero tanto tocar. Papai está indo embora. Ele e a Mamãe estão se divorciando.” Em seguida, Prince colocou uma segunda pessoa em cena, como se o pai dele estivesse no local. “Na verdade, estou muito feliz com a partida dele. Tinha só sete anos. Agora posso tocar piano à hora que quiser.” Prince executou alguns compassos do tema original do seriado *Batman*.

“Não consigo tocar piano como o Papai”, disse ele. “Como ele faz isso? Sabe o que mais... Também quero cantar.” Ele acrescentou: “Achava que nunca tocaria como meu pai, e ele sempre me lembrava disso. Mas nossa relação era boa. Ele era meu melhor amigo.” Os dois se revezavam tocando “Unchain My Heart”, de Ray Charles.

Antes do show, ninguém teria imaginado um comentário tão direto de Prince no palco. Naquela noite, ele tocou “Sometimes I Feel Like a Motherless Child”, um *spiritual* tradicional que também era, a seu modo, uma expressão de saudade pelo mundo perdido dos seus pais. Na letra, ele dizia que estava “muito longe de casa. Às vezes, sinto que tudo está acabando”.

Mas a expressão de melancolia mais escancarada veio depois. “Vocês têm sonhos lúcidos?”, perguntou ao público. “Gosto mais de sonhar agora do que antes. Alguns amigos já se foram, e os vejo nos sonhos. Sinto como se estivessem aqui; em alguns sonhos, parece que estou acordado.”

Há algo nessas falas, uma combinação de paz e inquietude, que me entristece. Agora é fácil entender esses comentários, mas eles soam como pensamentos de um homem encantado pela serena Morte, para citar Keats. Depois, ele cantou o primeiro verso de “Sometimes It Snows in April”, uma de suas canções mais desoladoras. “Tracy died soon after a long-fought civil war...” [Tracy morreu pouco depois de uma longa guerra civil...]

POUCOS DIAS DEPOIS

do seu primeiro show solo — sem dúvida, a apresentação mais tocante de sua carreira —, Prince escolheu um editor para o seu livro: Chris Jackson, da Spiegel & Grau, um selo da Random House. Ele apreciava seu trabalho no livro de Jay-Z, *Decoded*. Sem perder tempo, convocou Chris, Trevor, Esther (da ICM) e Dan para ajudá-lo a encontrar um coautor. Sua ex-empresária Julia Ramadan já havia dito: “Quando escrever a história da sua vida, não deixe outra pessoa segurar a caneta.” Agora, pelo visto, Prince estava disposto a fazer isso. Ninguém, talvez nem ele, sabia ao certo como seria o processo.

Foi nesse ponto que me envolvi no projeto. Meu agente, Dan Kirschen, sabia da minha admiração por Prince há muitos anos. Ele vira o pôster no meu quarto, presenciara minha versão de “Kiss” em um karaokê e assistira aos cliques do filme *Sign o’ the Times* que eu havia mostrado. Mesmo assim, quando Dan mencionou que tinha sido agraciado com a missão de procurar um coautor, acho que não estava preparado para uma sessão tão abjeta de súplicas por uma chance. Ele topou me colocar na lista, mas foi curto e

grosso: a probabilidade de eu conseguir o trabalho estava entre a de ganhar na loteria e a de sobreviver a um meteoro. Primeiro, até então, eu havia publicado zero livros. Na época, eu editava a *Paris Review* e não sabia se Prince já havia lido ou mesmo ouvido falar dessa revista literária — sem dúvida, seu álbum menos vendido tinha um público maior do que a *Review*. Além disso, eu tinha 29 anos. Os outros candidatos ao projeto eram mais experientes, e alguns tinham mais anos como fãs de Prince do que eu tinha de vida. Isso tudo fazia de mim o azarão absoluto.

Mas, quando a ICM e a Random House apresentaram vários candidatos de alto nível, Prince rejeitou todos. Ele costumava ler resenhas amadoras dos seus shows, principalmente os textos mais inflamados que os fãs postavam no Twitter ou em blogs. Para ele, esse era o tipo de pessoa que merecia o trabalho. Apesar da inexperiência, ele podia inspirar esses autores e, em troca, ser inspirado.

Segundo um assessor, Prince abordava o processo de escrita por um ângulo musical: ele queria um parceiro de improvisação, alguém com quem pudesse se abrir e organizar sua história como uma música ou álbum. Se houvesse essa ligação, ele preferia um novato dedicado a um veterano. Claro, os editores se recusariam a contratar um adolescente fanático por Prince se o currículo dele só tivesse uma resenha de show publicada em um blog. Fiel a seus princípios, ele devolveu a lista de possíveis coautores com todos os nomes riscados, menos dois; entre eles, o meu. Eram os únicos autores que nunca haviam publicado livros.

Dan disse que Prince estava com meu número agora. Uma ligação chegaria a qualquer momento do dia ou da noite. Comecei a dormir com o telefone ao lado do travesseiro, o toque definido no volume máximo. Treinei minha saudação até eliminar todos os vestígios de exaltação identificáveis na voz. Meu objetivo era parecer o mais indiferente possível. “Alô, Prince. Tudo bem, Prince? Ah, é o Prince?! Oi! Que bom que você ligou.”

Mas a ligação nunca veio. Pouco depois, Trevor propôs um teste. Cada candidato tinha que enviar um texto a Prince explicando sua ligação com a música dele e por que era a pessoa certa para o serviço. Enviei meu texto às 20h30 da mesma noite.

Chamar meu texto de bajulação seria um eufemismo. Se pudesse, reescreveria alguns trechos, mas, de fato, nunca quis mostrá-lo para ninguém além dele. Esta é uma passagem do texto:

Sempre que ouço Prince, tenho a sensação de infringir uma lei... Na minha primeira volta de carro por Baltimore, liguei o rádio e ouvi um homem cantando sobre sua vontade de ser mulher, expondo esse desejo psicosssexual, visceral, de entender melhor sua namorada — isso abriu mundos na minha cabeça. “For you naked I would dance a ballet” [Eu dançaria balé para você nua]. Nunca tinha ouvido uma música tão sensível, singular, verdadeira e *perigosa*. Achava que a qualquer momento seria parado pela polícia por escutá-la com tanta atenção...

Se Prince quer escrever um livro, posso ajudá-lo a colocar sua voz na página. Considero esse projeto uma extensão da sua produção musical — não é uma obra de jornalismo nem uma entrevista, mas uma oportunidade de criar uma nova conexão com o público e muito mais. Talvez alguém pergunte: ele não é evasivo demais, não vai fugir do texto? Existe a ideia de que a não ficção destrói o mistério do autor — mas, se bem feita, só o aprofunda. Desde o primeiro encontro com Prince, nas ondas de rádio de Baltimore, reconheci nele um narrador fora de série, um indivíduo original, transcendental e iluminado: ajudá-lo a contar suas histórias em um novo formato será uma honra sem igual.

A resposta de Trevor chegou em menos de 12 horas, às 2h23 da manhã. “Dan Piepenbring está disponível para uma reunião com PRN (Prince Roger Nelson) no Paisley Park, na noite de sexta-feira (amanhã)?”, escreveu ele a Dan e Esther.

Dan, acostumado a ser contatado de Paisley a qualquer horário, leu a mensagem e ficou dando voltas pelo apartamento até o sol nascer. Depois, começou a ligar para me acordar. Gritei. Ele gritou. Na manhã seguinte, no dia 29 de janeiro, embarquei em um avião para Minneapolis.

EM ENTREVISTA PARA A OPRAH, EM 1996,

Prince explicou por que resolveu ficar em Minnesota apesar de a maioria dos colegas ter optado por viver no litoral: “É tão frio que afasta gente ruim.” Naturalmente, uma camada de neve encobria o solo quando aterrissi-sei. Mas notei que não faltava só gente ruim — quase não havia ninguém.

Kim Pratt, motorista de Prince, foi me buscar no aeroporto em um grande SUV preto Escalade, usando um diamante de plástico do tamanho de uma bola de tênis. “Às vezes você tem que aumentar a dose”, disse ela.

Faltavam algumas horas para a reunião no Paisley Park — ninguém sabia o horário exato —, então Kim me deixou no hotel Country Inn & Suites de Chanhassen, que era praticamente uma franquia de Paisley. Um assessor de Prince me disse que morou lá por muitos anos e até quebrou a bicicleta reclinada da academia do hotel. Aparentemente, o valor que Prince pagou pelas diárias daria para ter comprado quatro estabelecimentos.

Fiquei “de sobreaviso” até segunda ordem. Tive a sensação de entrar na longa e distinta fila de pessoas que esperavam por Prince, sentadas em quartos do mesmo hotel, talvez naquele mesmo quarto, surtando em silêncio, como eu. Liguei a TV. Desliguei a TV. Tomei um chá de menta. Da janela do quarto, via telhas manchadas de sol, um pinheiro e uma escada desativada. Sabendo que fotos eram proibidas em Paisley, registrei essa visão.

Por volta das 18h30, Kim mandou uma mensagem para me avisar que estava indo me buscar. P — como era conhecido na biosfera de Paisley — estava pronto para me receber.

Como o sol já havia se posto, meu primeiro contato com Paisley foi no breu. Do lado de fora, o complexo é tão banal que chega a ser desconcertante. Ao chegar de carro com Kim, notei que o local estava iluminado por arandelas roxas; parecia a sede regional de um fornecedor do setor de defesa ou o showroom de um fabricante de produtos de plástico coextrudado. Não havia quase nada ao redor — nunca compreendi esse isolamento. Confessei a Kim meu nervosismo, disse que meu coração estava a mil. Ela riu.

“Tudo vai dar certo”, disse ela, estacionando em frente ao complexo.

Minha mão direita estava congelada. Antecipando o iminente aperto de mão de Prince, sentei em cima dela para aquecê-la.

“Ele é um amor. Você vai ver”, disse Kim. “Na verdade, acho que vai ser agora — ele está ali na porta.”

Era isso mesmo. Prince estava sozinho na porta da frente de Paisley Park, pronto para se apresentar.

“Dan. Muito prazer. Sou Prince.” A voz dele transbordava calma e era mais grave do que eu imaginava.

No vestíbulo, as luzes estavam fracas, e, embora os preparativos para o show da noite estivessem em andamento a menos de 30m — em poucas horas, Judith Hill se apresentaria no estúdio de Paisley, seguida por Morris Day and the Time —, aquela parte do complexo estava vazia. O silêncio era perturbado apenas pelo arrulho dos pombos, presos em uma gaiola no segundo andar. Velas aromáticas tremeluziam nos cantos; sua essência doce envolvia a sala. Prince vestia uma blusa drapeada folgada em tons terrosos,

calças da mesma cor, um colete verde e colares de miçangas. Seu penteado black estava debaixo de um gorro verde-oliva. Seus tênis preferidos nos últimos anos, brancos, do tipo plataforma com solas luminosas de Lucite, emitiam um brilho vermelho enquanto ele me guiava por um pequeno lance de escadas e uma passagem suspensa até a sala de conferências.

“Você está com fome?”, perguntou.

“Não, tudo bem”, falei, embora não tivesse comido nada desde aquela manhã. “Que pena”, disse Prince. “Estou faminto.”

Senti um mal-estar. Havíamos trocado menos de dez palavras e já estávamos fora de sintonia.

Na sala de conferências, seu símbolo característico estampava uma longa mesa de vidro. Nos fundos, havia um sofá em formato de coração ao lado de uma samambaia. No teto abobadado, um mural ilustrado com uma nebulosa roxa cercada por teclas de piano. Prince ocupou a cabeceira da mesa e me disse para sentar ao lado dele — ele sempre dava alguma instrução, como ficaria claro para mim depois. “Sente-se aqui.” Ele passava a impressão de alguém habituado a coreografar o espaço ao seu redor.

“O cheiro é muito bom”, falei.

“Sim, eu gosto de velas”, disse Prince.

Antes de tudo: eu estava com uma cópia do meu texto? Ele queria analisá-lo a dois. Eu não tinha, mas podia ler o texto no celular se ele quisesse. Vasculhei o bolso, com receio de já estar perdendo a linha. Eu sabia que Prince não era um grande fã de celulares. Mas a tela do meu estava rachada, e assim eu esperava ganhar a simpatia dele. Pigarreei antes de começar: “Sempre que ouço Prince, tenho a sensação de infringir uma lei.”

“Ok, tenho uma intervenção a fazer”, disse Prince. “Por que você escreveu isso?”

Na hora, pensei que talvez ele tivesse me chamado até Minneapolis só para dizer que eu não entendia nada da obra dele.

“Minha música não infringe a lei, para mim”, disse ele. “Eu componho dentro da harmonia. Sempre vivi em harmonia — desse jeito.” Ele apontou para a sala. “As velas.” Prince perguntou se eu já tinha ouvido falar sobre o intervalo do diabo, o trítone: uma combinação de notas que criava uma dissonância soturna, ameaçadora. Prince associou isso ao Led Zeppelin. Esse tipo de rock da banda, um som áspero calcado no blues, quebrava as regras da harmonia. A voz cortante de Robert Plant — isso soava como uma infração legal para o pequeno Prince. Não as músicas que ele e seus amigos faziam. Prince estava falando sério, até mesmo de um jeito sisudo. Tentei fazer uma piada sobre algumas músicas serem delitos menores e outras, crimes capitais. Ele não moveu nenhum músculo facial.

Ok. Foi um balde de água fria logo no início. Atrás daquele semblante de esfinge, eu sentia sua desconfiança. Tentei me acalmar fazendo o máximo possível de contato visual. Embora a pele do seu rosto fosse suave e brilhante, seus olhos traíam sinais de cansaço. Ia e vinha, mas estava lá: um desânimo, uma inquietação passageira.

Continuei lendo. Para meu alívio, diferentemente das primeiras linhas, ele foi mais receptivo ao resto do texto. Conversamos bastante sobre vocabulário. Prince tinha ideias muito precisas sobre as palavras que estavam dentro da sua esfera ou não. “Certas palavras não me descrevem”, disse ele. Alguns termos que circulavam no mundo dos críticos brancos revelavam uma total falta de conhecimento sobre ele. Na verdade, todos os livros sobre ele estavam errados, porque empregavam esses termos. *Alchemy* era um deles. Quando os autores atribuíam a mística da alquimia à música dele, ignoravam o significado literal da palavra, a arte oculta de transformar metal em ouro. Ele nunca faria algo desse tipo. Seu objeto era a harmonia.

Ele dedicava uma cólera especial à palavra *mágica*. E eu tinha escrito algo do gênero no texto.

“O funk é o oposto da mágica”, disse ele. “A essência do funk está nas regras.” Era humano, resultado de trabalho e suor — nada de mágica.

Ele disse que gostara de “algumas coisas” que eu havia escrito: suas origens, a necessidade de corrigir a narrativa, encontrar uma voz, preservar o mistério. Agora, ele queria saber do processo. O que havia em comum entre escrever um livro e produzir um álbum? Percebi que seu objetivo era aprender: aplicar a mesma diligência, habilidade e técnica que empregara para dominar um monte de instrumentos. Prince queria conhecer as regras para saber o momento de transgredi-las.

Nesse ponto, o clima da conversa, que durou cerca de 90 minutos, ficou mais leve e começamos a nos divertir. Os papos com Prince, como eu estava percebendo, eram fluxos discursivos. Os assuntos vinham à tona, submergiam após um ou dois minutos e voltavam à superfície cinco minutos depois. Invariavelmente, falávamos sobre alguns tópicos: Deus, amor, a questão racial nos Estados Unidos, a ambiguidade da indústria musical, a natureza fugaz da criatividade, tecnologia e passado.

Ele disse que não queria mais mexer com música nem gravar discos. “Não suporto mais tocar guitarra; no momento é assim. Gosto de piano, mas odeio até pensar em tocar guitarra.” O que ele realmente queria fazer era escrever. “Quero escrever muitos livros. Está tudo aqui”, disse ele, apontando para a trena. Por isso, Prince queria conversar com autores e trabalhar com uma editora. “Quero que o meu primeiro livro seja melhor que o meu primeiro álbum. Gosto do meu primeiro disco, mas...” Ele fez uma pausa. “Sou muito mais inteligente agora.”